



**Recensão a *Biography of an  
Industrial Town.  
Terni, Italy, 1831-2014,*  
de Alessandro Portelli**

---

João Pedro Santos

*Práticas da História*, n.º 8 (2019): 280-287

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

**Alessandro Portelli**

***Biography of an Industrial Town.***

***Terni, Italy, 1831-2014***

**Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, 400 pp.**

João Pedro Santos\*

Numa altura em que os debates em torno do impacto da desindustrialização e os seus efeitos nocivos nas comunidades operárias se tornaram regulares na opinião pública, esta obra da autoria de Alessandro Portelli, publicada pela Palgrave Macmillan em 2017, apresenta-nos uma magistral recolha de memórias do longo século operário e industrial. Sendo a história oral o método central deste livro, Portelli analisa não apenas as profundas transformações económicas vividas na cidade de Terni, mas coloca-nos também perante uma reflexão acerca das reapropriações do passado industrial. Desta forma, estamos simultaneamente diante de uma história focada no trabalho e na classe trabalhadora mas, igualmente, perante uma reflexão historiográfica que, não sendo sempre apresentada de forma direta pelo historiador, também se encontra presente na forma como este selecionou e articulou as entrevistas. Ao analisar de forma original as fontes orais, Portelli apresenta-nos uma comunidade que vive numa permanente tensão temporal entre as ruínas industriais do século XX e a precariedade do mundo pós-industrial. Utilizando as palavras do autor, e como teremos a possibilidade de explorar mais à frente, em Terni coabita uma geração que “cresceu a ouvir a fábrica e fala a sua língua” e uma outra geração que “procura novas palavras para traduzir os seus sentimentos e a sua identidade”<sup>1</sup>.

\* João Pedro Santos (joaopedrosantos92@gmail.com). Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH. Av. Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal.

<sup>1</sup> Alessandro Portelli, *Biography of an Industrial Town. Terni, Italy, 1831-2014* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017), 12.

No campo historiográfico, a figura de Alessandro Portelli é mundialmente reconhecida, sendo um dos principais representantes da história oral pós-positivista, promovendo a integração da investigação em torno da subjetividade e da memória no terreno historiográfico. No caso, português, a sua receção fez-se a partir da publicação de *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*<sup>2</sup> pela Unipop em 2013. Apesar de se tratar ainda de uma reduzida amostra, obras como *The Order Has Been Carried Out: History, Memory and Meaning of a Nazi Massacre in Rome* ou *They Say in Harlan County: An Oral History*<sup>3</sup> são amplamente conhecidas entre os historiadores orais.

Na sua estrutura formal, *Biography of an Industrial Town* representa a “condensação e reescrita” de dois livros anteriores do autor. Nesse sentido, a obra divide-se em duas partes: 1) a narração do processo de industrialização e a formação da classe operária e 2) a análise do período pós-industrial, em que nos é apresentado o conflito ente a classe operária pós-movimento operário e os desafios apresentados pelo processo de globalização.

São vários os contributos deste livro que importariam salientar. No entanto, estando perante a síntese do trabalho de uma vida, gostaria de me centrar em três grandes pontos que se relacionam intimamente com os desafios com os quais os historiadores do trabalho se têm confrontado. São eles: o método, o papel da fábrica enquanto centro de análise e os processos de transformação da classe trabalhadora na longa duração.

Do ponto de vista do método, a utilização da história oral por parte de Alessandro Portelli vai muito além de um simples complemento das fontes documentais – contrariando uma certa sacralização da fonte escrita. Como este afirma num outro texto seu: “As fontes orais têm uma forma e uma credibilidade distintas, que residem exatamente na sua subjetividade, ou seja, por incluírem o erro, a imaginação, o

2 Alessandro Portelli, *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios* (Lisboa: Unipop, 2013).

3 Alessandro Portelli, *The Order Has Been Carried Out: History, Memory and Meaning of a Nazi Massacre in Rome* (New York: Palgrave Macmillan, 2003) ou Alessandro Portelli, *They Say in Harlan County: An Oral History* (New York: Oxford University Press, 2010).

desejo, as fontes não só revelam a história acerca do que aconteceu, mas também o significado da história<sup>4</sup>. Em *Biography of an Industrial Town*, todas estas problemáticas estão bastante presentes, sendo um livro atravessado pelo desafio de “dar forma de narrativa a toda cidade”<sup>5</sup>. Nesse sentido importa salientar o esforço do autor em ter em conta a relevância de uma “montagem” complexa das diferentes fontes, salvaguardando a relação necessária entre as vozes individuais e a história coletiva da cidade.

No entanto, a utilização da história oral enquanto método não pretende apenas apresentar-nos uma história da cidade de Terni que se limita a introduzir uma sucessão de factos mas, sobretudo, uma história que tenha em conta a autorrepresentação por parte dos narradores<sup>6</sup> e que só um estudo que recupere a memória enquanto campo de investigação torna possível. Nesse sentido, é de sublinhar a relevância que Portelli atribui aos aspetos narrativos e linguísticos como a velocidade do discurso dos narradores, a necessidade de respeitar o dialeto no processo de transcrição e, claro, o papel da ucronia que se furta a uma história de cariz positivista. Como este afirma: “Não é que tudo o que seja contado neste livro seja verdade, mas foi tudo verdadeiramente contado”<sup>7</sup> e nesse sentido a memória ganha importância na medida em que nos permite aceder a uma matriz de significados que uma simples acumulação de factos não permitiria.

No que ao espaço diz respeito, a fábrica representa o centro desta história, sendo o principal foco de disputa social e política ao longo dos quase 200 anos que nos são narrados. Encontrando-se bastante próxima de Roma e contando com um vasto leque de recursos naturais, a cidade de Terni foi escolhida pelo governo italiano para a instalação da primeira área de indústria pesada em Itália, em 1885. O sector do ferro era privado, mas trabalhava sobretudo para a marinha e a este juntou-se

4 Alessandro Portelli, “História oral italiana: Raízes de um paradoxo”, *Revista Tempos Históricos* 12 (2008): 14.

5 Portelli, *Biography*, 10.

6 *Idem, ibidem*, 6.

7 *Idem, ibidem*, 12.

uma fábrica de armas criada pelo exército italiano, indústria química e fábricas têxteis, constituindo-se assim um complexo industrial em Terni. Entre as décadas de 1920 e 1960 os sectores do ferro, eletricidade e química eram propriedade da Empresa Terni que veio sendo gradualmente controlada pelo Estado. No entanto, o sector metalúrgico, incapaz de apresentar índices positivos, acabou privatizado e em 2004 passou a propriedade da multinacional alemã ThyssenKrupp e foi renomeada TK-AST, tendo mais recentemente dado lugar a um processo de reestruturação, com encerramento de determinados sectores.

Ao longo deste profundo processo de recomposição industrial – desde a ascensão modernizadora ao declínio pós-industrial – somos confrontados com o espaço da fábrica e com os significados que este tem para os habitantes de Terni e, em particular, para os trabalhadores. Contrariando algumas abordagens mais reducionistas que olham para a fábrica como mero espaço produtivo, económico e, em última instância, de exploração dos trabalhadores, nesta obra deparamo-nos com a fábrica enquanto espaço social. É certo que a fábrica se mantém enquanto um espaço de violência e de exploração – exemplo disso são os relatos de ódio aos chefes<sup>8</sup> e a reorganização fordista do trabalho durante o regime fascista, que visava controlar o tempo gasto pelos trabalhadores<sup>9</sup>. Contudo, apesar deste conflito permanente, o espaço fabril surge igualmente enquanto espaço modular de um imaginário social e cultural, algo que fica bem expresso nas palavras de um dos narradores: “Sentes um afeto que não se consegue descrever, está na tua carne e ossos. Eu passei 44 anos debaixo daquele teto”<sup>10</sup>. Como nos mostra Portelli, a relação com a fábrica tende a agudizar-se à medida que se entra no fim do século XX e com o aprofundar do processo de desindustrialização no mundo ocidental. A partir desta “atitude amor-ódio em relação à fábrica”<sup>11</sup> temos acesso à complexidade do espaço fabril e, nesse sentido, torna-se possível compreender melhor as cicatrizes que ficaram não só

8 *Idem, ibidem*, 157.

9 *Idem, ibidem*, 163.

10 *Idem, ibidem*, 55.

11 *Idem, ibidem*, 287.

em Terni, mas em todas as regiões industriais que passaram por estas transformações.

Um último ponto que importa salientar acerca desta obra prende-se, obviamente, com o principal sujeito histórico deste longo século: a classe operária. Ao contrário de uma narrativa desenvolvimentista que olha para a classe trabalhadora enquanto um sujeito coletivo compacto e monolítico, sendo igualmente o portador do progresso representado pelo mundo industrial, Portelli mostra-nos como essa homogeneidade não é dada de antemão. Na verdade, é impossível compreender a sua força coletiva ao longo do século XX sem ter em conta as suas experiências, não apenas no espaço fabril, mas igualmente no seu quotidiano, os seus trajetos singulares e os diferentes subgrupos que se unificam em torno da identidade operária. Importa salientar aqui o facto de o autor se debruçar ao longo de todo o livro sobre o papel da família enquanto fator estruturante desta identidade, mas também salientar o papel das mulheres, a sua participação enquanto operárias assim como a tensão existente entre homens e mulheres no seio do movimento operário<sup>12</sup>.

Nesse sentido, podemos considerar que este livro entra numa linha historiográfica em que a experiência dos trabalhadores é central na sua constante (re)composição enquanto classe. São de salientar dois pontos que surgem neste trabalho e que são particularmente reveladores dessa fluidez. Em primeiro lugar, a relação entre a cultura rural e a cultura industrial. Contrariando uma visão de mera oposição, Portelli mostra-nos como estas duas culturas se relacionam intimamente e, em parte, é isso que nos permite explicar a resistência operária às formas disciplinares e de exploração do trabalho no início do século XX. Como este afirma: “A memória da cultura rural gera um diferente sentido de tempo, uma atitude diferente para com o trabalho, a recusa de separar trabalho e socialização e da submissão à disciplina abstrata da fábrica”<sup>13</sup>.

Desta relação fértil entre duas culturas que normalmente são vistas como opostas, passamos para uma outra transformação cultural

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, 71.

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, 46.

que emerge a partir da década de 60. Se dos escombros da II Guerra Mundial emerge uma identidade operária definida por uma estrita ética do trabalho, os anos 60 representam a sua fragmentação. Apesar de a fábrica continuar a desempenhar um papel central, a partir da década de 60 em diante assiste-se ao surgimento de uma individualidade que muitas vezes entra em choque com o coletivismo da classe trabalhadora: desde jovens que na década de 80 afirmam que se pudessem queimariam a fábrica<sup>14</sup> a trabalhadores que renegam o orgulho operário da geração anterior: “Sou uma pessoa, com uma identidade, uma personalidade própria e não quero que a fábrica se sobreponha constantemente a isso”<sup>15</sup>.

Encontramo-nos assim perante uma relação que se havia equilibrado, contrariamente à primeira metade do século XX, na qual a fábrica estruturava grande parte dos comportamentos da sociedade. A fábrica deixou, assim, de ser um embrião puramente militante e passou a ser atravessada por um conjunto mais amplo de contradições. Passou a viver-se num cenário em que “os trabalhadores de carne e osso tinham mudado [...] era um universo de muitas cores, muitos odores, muitos sabores. Estes jovens, na nova classe operária, eram um espetáculo – *piercings*, brincos, cabelo espetado de muitas cores”<sup>16</sup>.

Será durante estas “dores de crescimento” que surge o período mais difícil na vida de Terni desde os despedimentos massivos de 1953, com o conflito entre a empresa – agora controlada pela multinacional alemã – e os trabalhadores – que já não se definem da mesma forma que a geração operária anterior. O conflito é agora definido pela dicotomia global-nacional mais do que por uma luta de classes.

Neste novo cenário, deparamo-nos com uma tensão de temporalidades, sendo que face ao presente globalizante e fragmentado, permanece ainda inscrito no território e na vida da cidade o passado industrial recente, sendo este último alvo de inúmeras apropriações. Isso é visível, por exemplo, em festividades como a *Cantamaggio*, uma tradição pri-

14 *Idem, ibidem*, 225.

15 *Idem, ibidem*, 244.

16 *Idem, ibidem*, 314.

maveril “semi-inventada por oposição à cultura industrial emergente”<sup>17</sup> e que, nos dias de hoje, tem precisamente como ponto de partida a zona industrial, contando ainda com o apoio e conhecimento técnico dos operários para produzir os carros alegóricos<sup>18</sup>.

É igualmente visível na forma como este passado é vivido de maneira ambivalente entre as novas gerações, transitando entre o fardo e um ponto de reconstrução identitária. Como nota Ian Roberts: “Lugares que partilham um passado industrial são muitas vezes estratificados por significados que podem indicar conclusões opostas”<sup>19</sup>. Tal oposição de narrativas é visível na cidade de Terni.

Por um lado, existem os que se referem a Terni como um “pedregulho” onde nada “pode começar devido ao peso do passado e da nostalgia” (p. 287). Uma visão que é sobretudo fruto de um desejo de superação de um modelo industrial que, longe de ser meramente económico, definiu e define indelevelmente a cultura da cidade<sup>20</sup>. Em simultâneo, este passado é igualmente reapropriado num sentido que pretende ser libertador. O melhor exemplo disso será o trabalho de Greca Campus, jovem realizadora e autora do documentário *Lotta senza Classe*<sup>21</sup>, no qual coexistem a continuidade com o seu passado familiar e a procura de uma identidade de classe que, não negando a importância da fábrica, procura novas representações do mundo do trabalho.

Em jeito de breve conclusão, a tradução desta obra para inglês representa um importante contributo para a amplificação do debate, permitindo não apenas a compreensão das transformações económicas do século XX mas, sobretudo, um entendimento mais aprofundado das cicatrizes deixadas pelo processo de desindustrialização.

17 *Idem, ibidem*, 286.

18 Mais do que um paradoxo, Portelli vê nestes rituais um *continuum*, onde folclore e ferro se apresentam enquanto relíquias do passado e objeto de reinterpretação e reutilização numa visão pós-industrial do mundo virtual.

19 Ian Roberts, “Collective Representations, Divided Memory and Patterns of Paradox: Mining and Shipbuilding”, *Sociological Research Online* 12 (2007):18.

20 Vários relatos mencionam a ausência de uma cultura empreendedora e de uma “estética da beleza” (p. 289), criticando aquilo que consideram a ausência de imaginação numa cidade estagnada.

21 Campus, Greca, *Lotta Senza Classe*. Tahmus, blog.igc. 2014, documentário.

**BIBLIOGRAFIA**

Portelli, Alessandro. *The Order Has Been Carried Out: History, Memory and Meaning of a Nazi Massacre in Rome*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

Portelli, Alessandro. "História oral italiana: Raízes de um paradoxo". *Revista Tempos Históricos* 12 (2008): 13-37.

Portelli, Alessandro. *They Say in Harlan County: An Oral History*. New York: Oxford University Press, 2010.

Portelli, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*. Lisboa: Unipop, 2013.

Roberts, Ian. "Collective Representations, Divided Memory and Patterns of Paradox: Mining and Shipbuilding". *Sociological Research Online* 12 (2007): 1-19.

**Referência para citação:**

Santos, João Pedro. "Recensão a *Biography of an Industrial Town* de Alessandro Portelli." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 8 (2019); 280-287.